

CONHECENDO A CIÊNCIA MODERNA ATRAVÉS DOS SABERES TRADICIONAIS

CAROLINA AMORIM DA SILVA BITTENCOURT¹; GUSTAVO GOULART MOUREIRA MOURA²; ROGERIO REUS GONÇALVES DA ROSA³

¹*Universidade Federal de Pelotas – carol.amorimsb@gmail.com*

²*Universidade Federal do Pará – gugoreira@gmail.com*

³*Universidade Federal de Pelotas – rosa.rogeriogoncalves@uol.com.br*

1. INTRODUÇÃO

Este ensaio aborda um dos objetivos do meu projeto de mestrado, intitulado “Mitologia das Águas: Uma Etnoceanografia da Colônia de Pescadores Z-3, Pelotas, Rio Grande do Sul, Brasil”, que é o de caracterizar a maneira como a ciência moderna produz conhecimento em relação aos saberes dos pescadores tradicionais, afim de destacar características da produção de conhecimento ocidental que não podem ser observadas senão através de contrastes com outras epistemologias.

Com o intuito de desenvolver uma antropologia da ciência, estou utilizando CASTRO (2002), INGOLD (2013) e LATOUR (1994). Com esses autores é possível caracterizar a produção de conhecimento pela ciência moderna lado a lado com as epistemologias ameríndias. Além disso, apresento o estudo de LEVI-STRAUSS (1993) que caracteriza a cosmologia ocidental em relação às cosmologias americanas através da análise de narrativas míticas. Por conseguinte, trago a pesquisa de MOURA (2014) que evidencia a hierarquização de conhecimentos para a produção de políticas públicas pelo Estado na gestão de recursos naturais e RIBEIRO (2012) que apresenta a organização social da Colônia de Pescadores Z-3, em Pelotas, Rio Grande do Sul, através da elaboração de um sistema mítico local.

Estes trabalhos me propõe adentrar no estudo dos saberes tradicionais em contraste com os conhecimentos da ciência moderna não só através da cosmologia dessas culturas, mas também por meio da sua organização social. Assim, esses saberes podem ser identificados materializados na práticas culturais da Colônia Z-3, ao longo da etnografia.

2. METODOLOGIA

Para caracterizar a produção de conhecimento científico realizei uma pesquisa bibliográfica e análise teórica das categorias de ciência moderna em contraste com o animismo que percorreu os estudos de CASTRO (2002), INGOLD (2013), ROSA (2013), LATOUR (1994). A materialização desses conhecimentos, evidenciada através da organização social do ocidente em relação às culturas não ocidentais, são destacadas através dos trabalhos de LEVI-STRAUSS (1993), MOURA (2014) e RIBEIRO (2012).

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os conhecimentos adquiridos até então pela sociedade ocidental são definidos por LATOUR (1994) como híbridos científicos, pois a ciência moderna produz em laboratório uma coisa-em-si, presente na natureza, mas que também depende de um contexto social para ser reconhecida como verdadeira. Portanto,

a produção de conhecimento da ciência moderna é um híbrido científico, que apela para a transcendência e imanência de seu fenômeno simultaneamente. Transcendência por que os fatos ultrapassam o laboratório e imanência por que o laboratório pode representar a própria natureza (LATOUR, 1994).

Os híbridos científicos são visitados pela sociedade nas notícias de jornal diariamente, onde são compostos por uma variedade de assuntos que se invadem como política, religião, cultura e ciências naturais. Mesmo assim, os intelectuais de cada uma dessas áreas se esforçam em compartimentá-las ao ponto delas parecerem incapazes de dialogar (LATOUR, 1994).

Mas por que é tão valorizada a ramificação do conhecimento na sociedade ocidental? Segundo LATOUR (1994) a especialização de matérias é necessária para legitimar o conhecimento produzido, pois, nesta lógica, quanto mais limitada é a área de estudo, mais se sabe sobre o assunto. Desta forma, a ciência moderna faz um esforço contínuo de purificação dos objetos que produz, separando o que é próprio dos sujeitos do resto da natureza (LATOUR, 1994). Além disso, com o objetivo de controlar o manejo de recursos naturais através do Estado, procura deslegitimar os saberes tradicionais, caracterizando os conhecimentos dos pescadores artesanais como atrasados, ignorantes e supersticiosos (MOURA, 2014).

Segundo CASTRO (2002), para a modernidade ocidental conhecer é objetivar, ou seja, é a capacidade de distinguir o que é próprio do objeto que se deseja conhecer e o que é próprio do sujeito cognoscente. Portanto, conhecer é destituir os objetos de subjetividade, reduzindo ao máximo a parte do sujeito presente no objeto de forma a afastá-los. Mas para que a ciência possa reduzir ao máximo a subjetividade dos objetos, é preciso identificar que parte é esta constituinte do objeto que é própria do sujeito. Neste movimento o sujeito passa a conhecer-se objetivamente, quando se identifica externamente aos objetos (CASTRO, 2002).

Em contraste com o pensamento ocidental está a ontologia anímica que se define como uma potência dinâmica e transformativa, em um campo de relações, que gera a existência de um outro contínuo e recíproco. Enquanto que para o pensamento ocidental os seres ocupam um espaço na ontologia anímica os serem habitam em um fluxo que deixa marcas, podendo ser comparado ao rastro dos animais. Na ontologia anímica o próprio mundo está em contínuo nascimento e não pode ser concebido como uma superfície pré-formada estática, dessa forma eleva-se o status do meio que passa a compartilhar um viver (INGOLD, 2013).

Analizando a mitologia do Velho Mundo simultaneamente à mitologia dos povos indígenas das Américas no que concerne as narrativas sobre gemelaridade, LEVI-STRAUSS (1993) percebe uma tendência das histórias míticas do ocidente em aproximar um gêmeo do outro de maneira a anular suas diferenças. Em contrapartida, no Novo Mundo, os eventos míticos que trazem figuras gêmeas tratam de afastar os dois personagens, seja na sua forma física ou na sua personalidade.

Segundo LEVI-STRAUSS (1993), a mitologia da gemelaridade reflete a própria organização social dessas culturas, principalmente em relação ao conceito de identidade. Enquanto que o Velho Mundo preza por uma identidade fixa, perfeita, as cosmologias americanas apresentam uma identidade que transita, em constante transformação e que dependem de uma terceira figura para estabelecer um desequilíbrio que leva ao movimento. Assim a identidade, nas cosmologias indígenas americanas, se constitui sobre um estado revogável e provisório levando a uma necessidade de desdobrar dualidades, refletindo uma ideologia em que as coisas não são permanentes (LEVI-STRAUSS, 1993).

A ciência moderna perpetua uma desvalorização dos saberes tradicionais, como forma de manter o controle institucional do manejo da natureza. Entretanto, este totalitarismo gerou e continua impulsionando uma crise ambiental que atinge as populações de pesca tradicional. A ideologia científica operou, e ainda opera, como uma cosmologia, formando consciências e subsidiando as organizações políticas das instituições que hoje configuram a sociedade moderna, baseada em um separação entre a cultura e a natureza, a partir dos princípios de objetividade e da neutralidade (MOURA, 2014).

Enquanto na sociedade ocidental conhecer é objetivar as coisas e ações no mundo, no xamanismo amazônico o conhecer depende da personificação do que se deseja significar para que, finalmente, seja possível tomar o "ponto de vista" deste objeto, designado, agora, como um "alguém" (CASTRO, 2004). As narrativas mitológicas ameríndias tratam da origem, do devir, da eternidade, de trocas simétricas e assimétricas entre humanos, não-humanos e sobre-humanos em um determinado território (ROSA 2013).

Na Colônia de Pescadores Z-3, por exemplo, RIBEIRO (2012) identificou uma série de personagens mitológicos que compartilham de características humanas e não-humanas, entre eles estão as Bruxas e os Lobisomens, que caracterizam as relações de gênero da colônia de pescadores e pescadoras. Além disso, partindo do quadro desses personagens míticos, a autora situa matrizes culturais, como a portuguesa, africana e indígena, indicando que a mitologia não está situada na cultura, mas entre culturas (RIBEIRO, 2012).

A mitologia, portanto, vêm a confirmar a existência de uma forma de conhecer o mundo, que depende de uma relação com outrem e que parte do pressuposto de que o mundo está em movimento. Assim, a análise da ciência moderna lado a lado com o conhecer ameríndio e os saberes tradicionais, apresenta o conhecer dos homens e mulheres e, ao mesmo tempo, que expressa a multiplicidade do mundo que desejamos significar.

4. CONCLUSÕES

Podemos perceber que ao invés de tentar isolar o que se deseja conhecer do resto do mundo os povos indígenas e os saberes dos pescadores e pescadoras tradicionais apresentam, através da sua mitologia, um conhecer que depende de uma relação.

As cosmologias animistas partem do pressuposto de que o mundo se constitui através do movimento, pois se encontra em um estado de contínuo desequilíbrio. Assim as coisas, pessoas e ações no mundo são tratadas como híbridos por natureza, formados por uma multiplicidade e por isso não cabe uma busca por um ponto zero, por uma definição estática.

Em contrapartida, a ciência moderna tenta purificar os objetos, em busca de definições estáticas, afim de legitimar o conhecimento produzido. Desta forma o conhecimento é compartimentado cada vez mais e outras formas de conhecer são desvalorizadas, hierarquizando os saberes na produção de políticas públicas.

Portanto, a mitologia, enquanto constituidora de cosmologias, nos apresenta uma maneira de pensarmos a nossa produção de conhecimento através do estabelecimento de uma relação com o que se deseja conhecer, propondo uma transformação em nós mesmos enquanto cientistas.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CASTRO, Eduardo Viveiros de. Perspectivismo e Multinaturalismo na América Indígena. In: **A Inconstância da Alma Selvagem**. São Paulo: Cosac & Naify, 2002, p. 345-400.

INGOLD, Tim. “Repensando o animado, reanimando o pensamento”. **Espaço Ameríndio**, Porto Alegre, v.7, n.2, p.10-25, 2013.

LATOUR, Bruno. Crise. Constituição. In: **Jamais Fomos Moderno**. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1994, p. 07-52.

LEVI-STRAUSS. A Ideologia Bipartida dos Ameríndios. In: **História de Lince**. São Paulo, Companhia das Letras, 1993. p. 204-217.7

MOURA, Gustavo Goulart Moreira. **Guerras nos mares do sul: a produção de uma monocultura marítima e os processos de resistência**. 2014. 412 f. Tese (Programa de Pós- Graduação em Ciência Ambiental) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014.

RIBEIRO, Angelita Soares. **Bruxas, Lobisomens, Anjos e Assombrações na Costa Sul da Lagoa dos Patos - Colônia Z-3, Pelotas: Etnografia, Mitologia, Gêneros e Políticas Públicas**. 2012. 120 f. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais) - Universidade Federal do Pelotas, Pelotas, 2012.

ROSA, Rogério Reus Gonçalves da Rosa. A Relação Afro-ameríndia entre o Negrinho do Pastoreio e o Saci-Pererê na Mitologia. **Antares: Letras e Humanidade** v. 5, n. 10, p. 176-203. 2013.